



O olhar ao revés de Marcelino Freire

Flávia Merighi Valenciano¹

O Brasil dos *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire, é um país onde o preconceito social e racial são tão evidentes quanto a mistura de povos e sotaques. Como bem definiu Xico Sá na apresentação do livro, essa “prosa-rapadura”, doce e áspera, revela, pela perspectiva do marginalizado, uma dor e uma indignação de quem é julgado pelos olhos preconceituosos da classe média, da elite branca brasileira e dos estrangeiros. Trata-se da visão da “casa grande”, como revela a epígrafe dos *Contos*, uma paródia da “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso: “Brasil, do meu amor / Terra de nosso sinhô”. Impossível, portanto, não concluir que a colonização ainda não acabou.

Os dezesseis cantos curtos de Marcelino Freire, prosas poéticas repletas de ritmo e rimas, carregam a linguagem do povo brasileiro e expõem a dificuldade de ser pobre, homossexual, mulher, idoso e, sobretudo, negro no país do Carnaval e do Vale do Jequitinhonha, de onde esbraveja Totonha, personagem do Canto XXI do livro.

O autor aborda, na grande maioria de seus contos, o tema do preconceito racial. A violência é demarcada pela perspectiva dos marginalizados em “Linha do Tiro”, “Esquece” e “Polícia e Ladrão”, sendo que o primeiro opõe-se aos últimos por sua leveza e seu humor. A homossexualidade é tema de “Coração” e “Meus amigos coloridos”,

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Pesquisa: *Travessias solitárias*: um estudo sobre as personagens de João Antônio e Caio Fernando Abreu. E-mail: flaviamerigui@usp.br

sendo mais evidente no primeiro do que no segundo. Em “Totonha”, uma senhora discursa sobre os motivos de não querer aprender a escrever: não é mais moça, não tem importância alguma, não quer baixar a cabeça para imprimir seu nome em um pedaço de papel. Totonha argumenta: “O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. Deixa eu, aqui no meu canto. Na boca do fogão é que fico. Tô bem. Já viu fogo ir atrás de sílaba?” (p.79).

No Canto Primeiro, “Trabalhadores do Brasil”, o autor refere-se aos homens e mulheres que se esforçam todos os dias em subempregos para sobreviver. As personagens desse canto recebem os nomes de alguns Orixás e de referências africanas e afro-brasileiras: Olorô-quê, Zumbi, Tição, Obatalá, Olorum, Ososhe, Rainha Quelé, Sambongo. O narrador interpela diretamente o leitor com a pergunta ao final de cada parágrafo: “(...) tá me ouvindo bem?”. Sem nenhuma pontuação, o texto explode em uma crítica indignada aos “pré-conceitos” relacionados aos negros, mais direta no primeiro e nos últimos parágrafos: “(...) ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima tá me ouvindo bem?” (p.19) e “Hein seu branco safado? Ninguém aqui é escravo de ninguém” (p.20).

O segundo canto, “Solar dos príncipes”, já se inicia anunciando a que vem: “Quatro negros e uma negra pararam na frente deste prédio” (p.23). Trata-se de um grupo de amigos do Morro do Pavão que quer filmar um apartamento e fazer uma entrevista com um morador. Quando o porteiro, também negro, impede a entrada do grupo, o narrador desabafa: “A idéia foi minha, confesso. O pessoal vive subindo no morro para fazer filme. A gente abre as nossas portas, mostra as nossas panelas, merda” (p.24). O incômodo com o fato de permitir a entrada aos de fora, mas não ser recebido quando se desloca ao bairro rico, é manifestado pelo narrador. Ainda, denuncia-se a visão distorcida dos que documentam a periferia: “A gente não só ouve samba. Não só ouve bala” (p.25). Ao fim, o porteiro chama a polícia e, assim, a estréia dos quatro aspirantes cai na mesmice: novamente o filme tem tiro e sirene da viatura policial.

“Esquece”, canto seguinte, define o que é violência aos olhos de um excluído social, que representa tantos outros. Também marcado pela falta de pontuação, o conto é um “desafogo” diante das notícias freqüentes sobre o tema, veiculadas intensamente nos jornais e na televisão, através da lente das classes média e alta. Nesse conto, a vítima está do outro lado, quase sempre esquecida: “Violência é a gente receber tapa na cara e na bunda quando socam a gente naquela cela imunda cheia de gente e mais gente e mais gente e mais gente pensando como seria bom ter um carrão do ano e aquele relógio rolex mas isso fica para depois uma outra hora. Esquece”.

A visão estrangeira da personagem alemã em “Alemães vão à guerra” representa o senso comum: “Nosso dinheiro salvaria, por exemplo, as negrinhas do Haiti”. A personagem olha para o Haiti e para Salvador como lugares quentes e cheios de amor. Porém, é possível afirmar que a noção de “estrangeiro” ultrapassa a questão da fronteira e instala-se nas diferenças entre as classes sociais, o que aponta alguns olhares estrangeiros dentro de um país tão desigual como o Brasil. No conto “Yamami”, por sua vez, o estrangeiro revela seu descaso referente à natureza e ao povo brasileiro. Seu interesse é pela indiazinha Yamami, de treze anos, puramente sexual. A crítica à situação dos índios e à exploração de crianças no Brasil é direta: “Lá posso colocar Yamami no colo e ninguém me enche o saco. E ninguém fica me policiando. Governo me recriminando” (p. 108).

Vaniclélia, personagem do conto homônimo, apanha do homem com quem vive e a quem chama de belzebu. Seu parâmetro de comparação são os “gringos”, que escolhem as mulheres no Calçadão de Boa Viagem: “Casar tinha futuro. Mesmo sabendo de umas que quebravam a cara. O gringo era covarde, levava pra ser escrava. Mas valia. Menos pior que essa vida de bosta arrependida” (p. 41).

O preconceito racial é retomado nos contos “Nação Zumbi” e “Curso superior”. No primeiro, o narrador tenta provar de que maneira a venda de seu rim o tiraria da situação de pobreza em que se encontra. No entanto, o tom de decepção de sua fala e a chegada dos policiais no

fim da narrativa prenunciam o seu destino: “A polícia em minha porta, vindo pra cima de mim. Puta que pariu, que sufoco! De inveja, sei que vão encher meu pobre rim de soco” (p. 55). No segundo conto, um jovem expõe à mãe seu medo de entrar na faculdade e não conseguir concluir o curso, por diversos motivos: porque possui deficiência nas disciplinas, tem medo do preconceito, pode engravidar a loira gostosa da turma e não conseguir nenhum tipo de emprego, porque o policial vai olhá-lo de cara feia e ele vai fazer uma besteira. Seu fim seria a prisão, sem o privilégio da cela especial. Por meio desse discurso profético, o círculo vicioso do preconceito racial e social é tratado com ironia pelo autor.

O conto “Caderno de turismo” foge um pouco da temática do livro, mas não deixa de ser polêmico: “Zé, olhe bem defronte: que horizonte você vê, que horizonte? Pensa que é fácil colocar nossos pés em Orlando?” (p.69).

O Canto X, “Nossa rainha”, e o Canto XV, “Meu negro de estimação”, tratam, essencialmente, do embranquecimento do negro. O conflito entre o desejo da menina do morro de ser a Xuxa e a situação de pobreza em que se encontra faz com que sua mãe reflita sobre as diferenças sociais entre sua filha e a Rainha dos Baixinhos. A mídia, novamente, constrói um modelo que reforça o preconceito racial e social. A menina pode vir a ser a Rainha da Bateria, sonho mais próximo à sua realidade. Xico Sá questiona se o conto “Meu negro de estimação” não seria uma fábula a Michael Jackson. O narrador refere-se a seu negro de estimação como um homem melhor do que era: “Meu homem agora é um homem melhor. Mora nos jardins, veste calça. Causa inveja por onde passa. Meu homem não tem para ninguém, só para mim. Meu homem se chama Benjamin” (p. 101). É importante lembrar que, na gravação em CD que Marcelino Freire fez de seus *Contos Negreiros*,² há uma mudança significativa nesse conto: substituiu-se “homem” por “negro”.

² O audiolivro *Contos Negreiros* foi gravado pela Editora Livro Falante em 2007.

Como Vinicius de Moraes, Marcelino Freire é filho de Xangô. E como o poeta carioca, também é um branco bastante preto, com uma prosa cheia de poesia e negra demais no coração. "Prosa-rapadura", revela a perspectiva dos excluídos sociais sobre temas polêmicos e gritantes em nosso país verde e amarelo. Esse olhar ao revés está presente em todas as linhas dessa obra de Marcelino Freire, que convida o leitor a olhar o Brasil dessa mesma forma.

FREIRE, Marcelino. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.